

NATÉRCIA CAMPOS E A CASA: A IMPORTÂNCIA DA MANUTENÇÃO DA CULTURA ORAL, DAS TRADIÇÕES E DA MEMÓRIA DO SERTÃO NA LITERATURA

NATÉRCIA CAMPOS AND A CASA: THE IMPORTANCE OF MAINTAINING ORAL CULTURE, TRADITIONS AND MEMORY OF SERTÃO IN LITERATURE

Maria Gisele Bezerra de Limaⁱ
Yls Rabelo Câmaraⁱⁱ

Resumo: O presente artigo tem como objetivo o estudo da vida e da obra-prima de Natércia Campos, que em vida realizou numerosas publicações de seus escritos, ganhando inúmeros prêmios literários e desempenhando um papel social de inigualável contribuição para com a Literatura Cearense e, por conseguinte, para com a Literatura Brasileira. Sem embargo, apesar de sua imensa relevância, não é tão conhecida pelo público leitor como cremos que deveria ser. Assim, nossa pesquisa – de natureza básica, de abordagem qualitativa e de objetivo exploratório – tem como intuito apresentar elementos na obra naterciana que servem como relicários da cultura oral, das tradições e da memória do Sertão na Literatura, tal como prevê o título. Desse modo, nos ancoramos teoricamente em algumas/alguns estudiosas/os basilares das áreas aqui tratadas; dentre elas e eles: Timbó (2011), Campos (2011), Silva, (2016) e Chaves (2022). Concluimos que pesquisas como esta, mesmo sendo uma revisão bibliográfica, são impreteríveis para que conheçamos e reconhecamos quem foi essa beletrista ofuscada e que somente nos últimos anos tem sido relevada tal como sempre foi: uma difusora de nossa cearensidade e de nossos saberes, tradições e culturas ancestrais.

Palavras-chave: Sertão, Tradição e Cultura; Sertão, Memória e Oralidade; Natércia Campos e *A Casa*.

Abstract: *This article aims to study the life and masterpiece of Natércia Campos, who in her lifetime published numerous publications of her writings, winning numerous literary awards and playing a social role of unparalleled contribution to Literature from Ceará and, therefore, towards Brazilian Literature. However, despite her immense relevance, she is not as well known by the reading public as we consider she should be. Thus, our research – of a basic nature, with a qualitative approach and with an exploratory objective – aims to present elements in Natertian's work that serve as reliquaries of the oral culture, traditions and memory of the Sertão in Literature, as predicted by the title. This way, we are theoretically anchored in some scholars of the areas covered here; among them: Timbó (2011), Campos (2011), Silva, (2016) and Chaves (2022). We conclude that researches like this, even though it is a bibliographical review, are essential for us to know and recognize who this obscured belletrist was, who only in recent years has been highlighted as shereally always was: a disseminator of our way of being from Ceará and our knowledge, traditions and ancestral cultures.*

Keywords: *Sertão, Tradition and Culture; Sertão, Memory and Orality; Natércia Campos and A Casa.*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

ⁱ Graduanda em Letras Língua Português pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Interessa-se pela Literatura escrita por mulheres. Tem estudado Rupi Kaur, escritoras nordestinas, Florbela Espanca, Virginia Woolf. Participa do Grupo de Estudos Filha de Avalon (UECE). *E-mail:* giselybezerre361@gmail.com.

ⁱⁱ Doutora e Mestre em Filología Inglesa (Letras – Língua Inglesa) pela Universidad de Santiago de Compostela, na Galiza, Espanha, com Estágio Pós-Doutoral em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Idealizadora, Orientadora e Líder do Grupo de Estudos Filhas de Avalon. Professora Visitante na UECE e Pesquisadora da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). *E-mail:* ylsacamara@hotmail.com.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa tem como origem o Grupo de Estudos Filhas de Avalon, que se debruça sobre o estudo da Literatura concebida por mulheres que foram eternizadas no mundo das letras, mas que, incontáveis vezes, foram também apagadas pelos cânones literários e/ou pela historiografia literária.

Ao longo das três edições do nosso Grupo de Estudos até agora, têm-se analisado a vida e a fortuna crítica de beletristas nacionais e internacionais, pretéritas e atuais, tendo como ponto de encontro as aulas ministradas semanalmente ou quinzenalmente em nosso canal no YouTube. Na Aula 18, a que fechou a II Edição (2021/2022), tivemos acesso a Natércia Campos por meio de um par de pesquisadores pertencentes à nossa membresia.

Foi naquele momento, por ocasião daquela aula, que nos surgiu o *insight* e a inspiração para a elaboração desta análise a partir da pergunta de pesquisa **“Como uma escritora nordestina de grande importância para a Literatura Cearense, como o foi Natércia Campos, não é tão conhecida pelo grande público – inclusive por nós, cearenses?”**.

A resposta a essa pergunta levou-nos a conhecer os meandros de sua escrita e as particularidades de sua curta vida e de seu importante legado literário. Para melhor sistematizar nossas contribuições aqui neste artigo científico em forma de *femenagem* a essa beletrista cearense irrepetível, o mesmo encontra-se dividido em partes que se complementam mutuamente – especialmente o Percurso Metodológico, o Marco Teórico e os Resultados e Discussão.

1 PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo surgiu do nosso olhar para o papel social que Natércia Campos desempenha, e a inigualável colaboração que os seus textos possibilitam para a construção do conceito de Sertão. Visto que a partir da leitura deste seu livro, *A Casa*, contemplamos elementos textuais que abordam a cultura, a tradição e o contato direto do público leitor com o Nordeste rural, essa obra torna possível guardar o retrato histórico dessa região para que as próximas gerações entrem em contato com este legado de maneira poética – porque embora escrito em prosa, o romance exala poesia e encantamento.

Em seguida, buscando conhecimento sobre ela, que até certo momento foi bastante desconhecida como escritora, e aumentando os horizontes da pesquisa, que é de natureza básica, abordagem qualitativa e objetivo exploratória, realizamos uma busca no Google Acadêmico a

fim de encontrar trabalhos acadêmicos sobre ela e seu legado literário a partir de palavras-chave e descritores como “Natércia Campos”, “Natércia Campos e a memória nordestina”, “Natércia Campos e o Sertão”, “Natércia Campos e Moreira campos”, “Natércia Campos e *A Casa*”.

A partir desse primeiro momento, foram triados artigos, livros, monografias, dissertações e teses cujos conteúdos seriam utilizados na construção do Marco Teórico e serviriam de base para nossas argumentações na seção Resultados e Discussão.

Assim, após o levantamento bibliográfico e a análise dos dados nele encontrados, a tessitura deste texto foi iniciada a quatro mãos.

2. MARCO TEÓRICO

2.1 (Re)Visitando Natércia Campos

Natércia Maria Alcides Campos nasceu no dia 30 de setembro de 1938 na cidade de Fortaleza, no Ceará, especificamente no bairro Praia de Iracema. Era filha de José Maria Moreira Campos, crítico literário, escritor e docente da Universidade Federal do Ceará (UFC), e de Maria José Alcides Campos, que trabalhava na Secretaria dos Negócios do Interior e da Justiça do Ceará (Lima, 2009).

Assim, segundo Chaves (2022), em vista do lugar em que Natércia Campos nasceu e passou parte de sua vida, próximo à praia, ela possuía um contato visceral com o mar. Em consonância com o que a escritora narrava em entrevistas, ela esteve, desde o seu nascimento, a ouvir as pancadas das ondas e as melodias que são formadas pelo choque das águas contra as pedras. Além disso, outro fato importante em sua trajetória, como nos explica Timbó (2011), é que durante sua infância, ela entrou em contato com a literatura oral e demonstrava grande interesse em escutar seu pai e seu avô quando estes contavam-lhe histórias.

Dentro dos conteúdos que lhe eram apresentados, encontramos as histórias populares, as crendices, as superstições, as lendas e as narrativas folclóricas. Além disso, como cita Campos (2011), foi nesse cenário que ela ouviu as narrativas que lhe serviriam como inspiração para o seu processo de escrita mais à frente. Ela foi não somente uma ouvinte atenta, mas também uma leitora voraz, que gostava de escritores clássicos: Monteiro Lobato, os Irmãos Grimm, Perrault, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Gustavo Barroso, Guimarães Rosa, Jorge Medauar, Gabriel García Márquez, José Saramago e os grandes faróis de sua vida literária: Luiz da Câmara Cascudo, seu pai e sua Bá (sua babá).

Aos 17 anos de idade, a jovem Natércia casou-se com José Emanuel Pápi Saboya, que vinha de uma família bastante influente em Fortaleza, sendo sua sogra a Sra. Nadir Roquelina Pápi de Saboya, a primeira-dama do teatro cearense. Desse modo, a união do casal gerou seis filhos: Caterine, José Thomé, Clarissa, Rodrigo, Emmanuela e Carolina (Lima, 2009). Dedicada à sua família numerosa e contrariando as expectativas que pairavam sobre ela de seguir os passos deixados por Moreira Campos, Natércia somente abraçou a Literatura quando já era avó, morando em Barcelona há décadas (Silva, 2018).

Conforme Lima (2009), ela viajou muito tanto dentro como fora do Brasil, especialmente por países como Espanha e Portugal, que ela amava. Em suas jornadas, como pelo Norte, por exemplo, ela encontrava inspiração para a escrita. A viagem mais significativa que fez e que foi fundamental para a sua carreira como beletrista foi a visita aos livros sobre o Sertão escritos por Oswaldo Lamartine, Luiz da Câmara Cascudo e Gustavo Barroso.

Desse modo, ela construiu grandes amizades com quem tinha o mesmo amor pela escrita que ela, intelectuais tais como: Rachel de Queiroz, Jorge Medauar, Antônio Olinto e Oswaldo Lamartine – especialmente este último (Timbó, 2011). Ela aprendeu muito no lar privilegiado no qual nascera, sendo filha do renomado contista Moreira Campos, reconhecido como um dos maiores escritores deste gênero literário no país – que proporcionou para ela uma comunicação com outros intelectuais e que foi firmada por meio de correspondências com jornalistas, editores e pessoas de sua egrégora familiar, além de amigos que, de acordo com Timbó, (*ibidem*) lhe abririam horizontes mais à frente.

Chaves (2022) nos chama a atenção para um ponto de destaque dela que ia muito além de sua escrita, uma característica pessoal de nossa fomenageada: a arte da tessitura. Natércia Campos costumava elaborar, em parceria com uma de suas irmãs, peças de tapete que continham, em seu bojo, bordados e pinturas feitas à mão e vendidos por elas tanto aqui no Brasil como no exterior. A inclinação para as manualidades seria fundamental mais à frente, quando Natércia a canalizaria para seus textos, pincelando cenários dignos de pertencer a uma obra de arte.

O reconhecimento imediato pela excelência de seu estilo de escrita veio com a publicação do conto “A Escada”, em 1987. A partir de então, ela passou a ser laureada com prêmios importantes. O primeiro deles foi em um concurso realizado pelo Banco Sudameris, outorgado pela Academia Botucatuense de Letras, em 1987; em seguida, em 1988, a 4ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, com o livro *Iluminuras*; o Prêmio Osmundo Pontes de Literatura e o Prêmio Ideal clube de Literatura na categoria Crônicas (Campos, 2011).

Natércia Campos fez parte da Academia Cearense de Letras e da Academia Fortalezaense de Letras. Outro ponto que mostra o quanto seus escritos são fundamentais é que nos anos de 2004, 2005 e 2006 estiveram entre os dez escolhidos como parte das provas de vestibulares da UFC e, por seguinte, outras instituições, como a Universidade Estadual do Ceará (UECE), adotaram também, logo a seguir, sua obra em seus vestibulares.

Ao final de sua trajetória neste Plano Espiritual, ela foi acometida de um câncer agressivo, fazendo com que se *encantasse* em sua casa, no dia 2 de junho de 2004. Em relato ao jornal *O Povo*¹, uma de suas filhas relata que a mãe teve uma morte como ela queria: perto de sua família e de tudo o que mais amava: seus livros, plantas, quadros e magas. Sim, magas. Natércia era espiritualizada ao ponto de vivenciar experiências etéreas – muitas das quais estão cristalizadas em seu legado literário.

2.2 O mar, as ondas e a escrita literária de Natércia Campos

Até o século XX, o número de escritoras brasileiras cujas obras publicadas foram aplaudidas pelo público leitor e pela crítica literária era bastante reduzido. A quantidade de beletristas que conseguiram participar desta egrégora era parca e frequentemente criticada.

Natércia Campos, por exemplo, foi reiteradamente comparada com seu pai – o que acabou sendo oneroso para ela, um peso que ela teve que carregar – mesmo havendo morrido uma década depois dele (Chaves, 2022). Diferentemente dessa sua filha que se casou cedo demais e constituiu uma família numerosa, Moreira Campos teve apenas três filhos – Natércia, Marisa e Cid –, enveredou pelo universo da Literatura e do ensino e chegou a ser Professor Titular de Literatura Portuguesa e Reitor da UFC eventualmente.

Nossa fêmeageada iniciou sua jornada como escritora concebendo seu primeiro conto, “A Escada”, em Barcelona, onde morava há muitos anos, logo após se tornar avó, publicando-o pela primeira vez no suplemento literário do Jornal *O Povo*. Logo após, em conformidade com Lima (2009), ela o republicou em outros periódicos. No ano de 1987, publicou-o pela Editora Expressão, na coletânea *Quem Conta um Conto*; publicando-o igualmente no *Almanaque de Contos Cearenses* (1997), pela editora Bagaço; e por último, em 1988, na Revista de Letras, pela Edições UFC.

¹ Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ncampos3.html>. Acesso em: 29 nov. 2023.

Em 1988, Natércia Campos publicou *Iluminuras*, destacando Luiz da Câmara Cascudo como sua grande inspiração. Ainda no mesmo ano, publicou, à luz de Lima (*ibidem*), *Terras de Camões e Cervantes*, que de acordo com uma amiga próxima a ela, era uma carta dedicada a um poeta e que se tornaria o manuscrito “A Noite das Fogueiras” (1998), que segundo Porto (2013), no seu formato inicial, foi intitulado “Noite das Bruxas”. Seu conto “Os Jardins” foi publicado na *Antologia de Contos Cearenses*, no ano de 1990; outra contribuição sua foi para *O Talento Cearense em Contos*, com o conto *Penitentes*, em 1996; e no ano de 1998, em *Letras ao Sol – Antologia da Literatura Cearense*, a publicação da narrativa “Eles”, como expõe Chaves (2022). *Caminho das Águas*, publicado em 2001, nasceu a partir de seu contato com o Norte do país, e o seu mais famoso livro, *A Casa*, apresenta o Sertão que ela conheceu através de suas leituras das obras de Luiz da Câmara Cascudo, Gustavo Barroso e Oswaldo Lamartine (Lima, 2009).

Ela teve também uma parceria com outras escritoras cearenses no ano de 1991, que se reuniram para lançar os cartões de poemas, em uma coletânea que possuía como título *Os Cartões*. Outrossim, neste mesmo ano, ela passou a participar de um grupo que surgia naquele momento, intitulado Poesia Cultural, composto por 18 participantes (*ibidem*).

Natércia concebia a escrita de seus textos como bálsamo para a sua alma e como uma ferramenta importante para lhe trazer tranquilidade. Portanto, para ela, a produção literária, apesar de ser algo que lhe trazia ocupação e pesquisa de temáticas de seu interesse, era profundamente gratificante. Destarte, na produção de seus textos, a literata via-se como uma tecelã, realizando na escrita textual um ofício totalmente manual, cortando e colando partes da narrativa onde elas cabiam melhor, sem o auxílio de computadores, e escrevendo à mão (Paula; Nascimento, 2022).

Dentro do ambiente de suas histórias, encontramos alguns elementos singulares, como a ambientação de seus romances que, de acordo Timbó (2011), traz o Sertão nordestino com suas tradições e cultura, e o mar. Em outras palavras, suas narrativas apresentam um resgate da cultura oral, da memória e dos costumes dos povos nordestinos, além de sua vivência na praia de Iracema. Ela aproxima o Sertão e a praia de tal maneira que quem a lê acredita que ela viveu e conviveu nos dois ambientes – quando sabemos que ela sempre foi cidadina e que suas experiências no meio rural, em termos práticos, foram inexistentes. Ela ouvira falar muito sobre o Sertão e transferia para os textos que escrevia, muitas dessas memórias, que com o uso de sua criatividade ímpar, resultou em seu legado literário inestimável.

Conhecer sua obra é decisivo para conhecermos o Sertão, (re)visitando a memória, a cultura, a ancestralidade e a oralidade nossas, que nos remetem a histórias, lendas e crenças

antigas que se perderiam nas noites dos tempos se não contássemos com escritoras como Natércia Campos, cuja preocupação social por trás de sua escrita era a preservação e a continuidade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Um passeio pelo romance *A Casa* (2011)

*A Casa*², o único romance naterciano, foi publicado pela primeira vez em 1999, mas de acordo com Porto (2013), foi na publicação subsequente que ocorreram algumas modificações como o recorte no texto e a retirada de algumas de suas partes. Com o passar dos anos, em 2011, a terceira edição, pela editora Imprensa, ainda segundo Porto (*ibidem*), seria considerada como uma das mais completas, tendo em vista que o texto mantém as suas epígrafes e citações originais. Nesta pesquisa, usamos essa terceira edição como *corpus*.

O romance disserta sobre a temática de uma casa que em sua construção da narrativa se constitui em um formato diferente do que conhecemos convencionalmente para se contar histórias: como o lugar onde se desenvolveu a vida de gerações de uma família. Portanto, em seus primórdios, quando as paredes dessa edificação começam a ser erguidas, nela foi utilizado um madeiramento de qualidade, que seria superior ao das outras casas que existiam naquele período – o que demarca que ESTA casa seria diferente e uma personagem narradora cativante (Chaves, 2012).

Sendo uma narradora diegética, *A Casa* guarda, em seus ambientes e entorno, a verdade dos fatos, as confidências e os segredos de todas as pessoas que viveram no tempo em que ela própria “vivia” – porque sim, ela morre ao final, descansando para sempre no fundo das águas. Com um avô português, Natércia inspirou-se nele para criar a imagem do primeiro dono dessa personagem singular, que inclusive tinha nome – Trindades –: um português (Silva, 2016).

Além de ser uma habitação robusta, como explica Silva (*ibidem*), conta com um cenário condizente com o ambiente campesino de então e da atualidade: um curral, uma capela e um açude. Como já posto, sendo Natércia uma mulher cidadina e que não tivera contato com a vida no campo, em muito contaram, para a construção desse romance, a obra de Câmara Cascudo e suas próprias memórias da infância, quando costumava escutar histórias do Sertão e de sua gente. Também serviram de inspiração, fazendas reais, como a Acauã, no Seridó potiguar, e a

² Tal como Natércia Campos o faz neste seu romance, aqui nos referimos a ele e à sua personagem principal sempre com letra inicial maiúscula – inclusive no artigo definido que precede o substantivo (Nota das Autoras).

de propriedade de Rachel de Queiroz, “Não me Deixes”, localizada no município cearense de Quixadá.

Em concordância com Chaves (2012), o nome “Trindades” faz referência à Santíssima Trindade cristã, que por si evoca a religiosidade do povo nordestino, e também remonta às três pessoas do sexo masculino que edificaram a morada.

Fazendo jus ao linguajar dos sertanejos, Natércia utilizou-se de uma linguagem mais simples, cotidiana e coloquial para tecer esse diálogo entre ela, por meio de suas personagens, e o público leitor. Simultaneamente, a narrativa apresenta algumas personagens importantes, de acordo com Timbó (2011): pessoas idosas, crianças e mulheres – sendo que muitas dessas últimas trazem em sua personalidade uma tendência à infelicidade e ao desânimo, que espelham sentimentos d’A Casa e das leitoras e leitores.

3.2 As tradições sertanejas expressas nas memórias, nas águas e na morte

A memória, segundo Santos (2002), toma como explicação para este conceito, a implicação de manter recordações de momentos passados, mencionando a habilidade que o ser humano carrega de se lembrar de acontecimentos e ações.

Assim, direcionando nosso olhar para o texto em estudo, a memória faz parte do pilar fundamental desta narrativa, tendo em vista que é através deste processo que a história é contada pela personagem narradora, efetuando-se por meio das lembranças que ela tem das pessoas que passaram por seus ambientes. Ademais, como cita Silva (2016), em sua obra, *A Casa* acompanha de perto os seus residentes nas horas gratas e ingratas, mas sem ter o poder de mudar o rumo dos acontecimentos. Devido a isso, as lembranças do passado são indispensáveis nesta narrativa já que, por meio delas, torna-se possível acompanhar o desenvolvimento da trama.

Essas memórias d’A Casa trazem para o presente retalhos do passado, de um tempo que não voltará mais porque as personagens e os acontecimentos que participaram dessas histórias pretéritas não estavam mais ali e ela cita elementos importantes para se conhecer o Sertão mais de perto: as festas da Padroeira, as fogueiras, a manutenção da superstição na construção de seu ambiente: “[...] volto às construções: do curral, cuja porteira fica no sentido do nascente para assegurar prosperidade ao santo gado”. Uma afirmação como essa ratifica a crença popular em determinadas energias que são ora benéficas e ora maléficas – a depender da situação e das variantes envolvidas.

A forma como Natércia Campos abordava o Sertão diferia enormemente da maneira como o faziam outros escritores regionalistas. Para ela, a seca não era o monotema de suas

criações: pelo contrário, era uma das temáticas, mas sempre inserida no contexto da trama. Por isso que, consoante Timbó (2011), ela aparece apenas algumas vezes ao longo do enredo. Destarte, ela cita sobre as paisagens que existem no Sertão e o período de tempo em que ocorrem as plantações, valorizando os saberes populares transmitidos pela oralidade e pelos profetas e profetisas da chuva, repercutindo um conhecimento ancestral que, em geral, as/os nordestinas/os e as/os sertanejas/os têm; sua aproximação com a natureza e a inferência climatológica a partir da observação dos fenômenos naturais em seu entorno.

Segundo Campos (2011), há superstições marcantes n’*A Casa*, como, a saber: (i) as chuvas que chegam em novembro e trazem mau agouro para os sertões; (ii) a crença de que uma pessoa que tem facilidade para fazer adivinhações tenha certamente comido o corpo de uma coruja; e (iii) o canto da coruja conhecida como rasga mortalha, que traz a morte para quem estiver doente dentro das casas sobre as quais ela sobrevoa de noite e espalha seu mau agouro.

As águas, igualmente simbólicas para vários povos e suas culturas, também aparecem constantemente em suas várias representações neste romance, como os açudes e os rios. Este tema aparece do início ao final da narrativa e é afirmado que a própria construção d’ *A Casa* pertence ao mundo das águas (Timbó, 2011). Como expõe Campos (2011, p. 31):

[...] as águas correntes são fadadas a correr dia e noite e só ao serem possuídas pelo inverno se quedam e se congelam em cristal. No sertão, os rios diferem na sorte, pois suas águas não são condenadas a viverem sem descanso, e cessam de vez como os mortais.

Águas e morte são também estreitamente vinculadas n’*A Casa*. Quanto a essa questão, Natércia é bastante respeitosa e trata a morte com deferência, grafando esse vocábulo com inicial maiúscula ou chamando-a pelo pronome “Ela”, também capitalizado-a e nomeando-a como “Moça Caetana” e “A Velha-do-Chapéu-Grande”. O fim da existência está presente em diversos momentos da narrativa, que inclui também um suicídio ajudado pelas mãos da Moça Caetana, em uma cena que, longe de provocar sentimentos mais negativos no público leitor, atiça a sua comoção pela beleza com a qual o desenvolvimento da ação é descrito, como nos explica Silva (2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Natércia Campos foi uma escritora grandiosa em vida, e, mais ainda, depois que se encantou, no início de junho de 2004. A maneira singular como narra o Sertão e suas

idiossincrasias sem jamais haver vivenciado o que escreveu é mais do que um feito meritório, atingindo quem a lê por revolver não somente as memórias, mas as tradições de nossas/os antepassadas/os nordestinas/os, nossas/os irmãs/irmãos sertanejas/os que têm uma interpretação própria da vida e da morte a partir de elementos naturais que tomam significados distintos sob a lente de quem os observa.

Este romance de Natércia Campos é a materialização de um conhecimento forjado na vivência do meio rural nordestino, lapidado pela memória e alimentado pela oralidade. É, portanto, uma obra de inestimável valia para a Literatura Cearense e para a Literatura Brasileira. Lamentavelmente, Natércia Campos não é tão amplamente conhecida como merece ser e como o é seu pai, Moreira Campos.

Não obstante, cabe a nós, tendo conhecimento de quem foi ela e do que entre nós semeou, colhermos os frutos de sua sementeira, espalhando ao nosso redor o que aprendemos dela através de sua obra-prima, *A Casa*, repassando-o para as gerações seguintes, como ela seguiria fazendo se fisicamente entre nós estivesse. *Encantada*, ela continua por meio de seu legado literário impagável.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, N. *A casa*. Fortaleza: Imprece Editorial, 2011.

CARVALHO, Eleuda. Memória – Natércia Campos Encantada. *Jornal de Poesia*. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ncampos3.html>. Acesso em: 29 nov. 2023.

CHAVES, S. W. F. *Cartografias do “sertão-de-dentro” na obra A Casa de Natércia Campos*. 2022. 122 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Pau dos Ferros, 2022.

CHAVES, S. W. F.; SILVA, R. R. Cartografias do “sertão-de-dentro” na obra de Natércia Campos: autoria feminina nordestina. In: *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, vol. 14, n. 41, 2022, p. 94-112. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1428>. Acesso em: 29 nov. 2023.

CHAVES, S. W. F. *Transculturalidade em Solo Sertanejo: Aspectos da Brasilidade no Romance A Casa*. 2012. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Departamento de Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2012.

LIMA, E. S. A. *A casa: arquitetura do texto – uma investigação sobre a origem do romance de Natércia Campos*. 2009. 184 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Departamento de Literatura, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2009.

PORTO, Z. M. S. *Vozes do mar e do sertão: memória e história na literatura oral cearense, e na obra de Natércia Campos*. 2013. 270 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) Universidade de Brasília. Brasília, 2013.

SANTOS, M. S. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado In: CHAGAS, M. S.; SANTOS, M. S. dos (Orgs.). *Museu e Políticas de Memória*. Centro de Estudos em Sociomuseologia, Universidade Lúsofona de Humanidade e Tecnologias, vol. 19, n. 19, 2002, p. 139- 171. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/370>. Acesso em: 30 nov. 2023.

SILVA, L.V. D. Viver e Acreditar: crenças e superstições do sertão nordestino. In: VASCONCELOS, A. W. S. de; VASCONCELOS, T. N. S. de (Orgs.). *Notas sobre Literatura e Linguagem*. Ponta Grossa: Editora Atena, 2019, pp. 61-68.

SILVA, L. V. *O espaço privado da casa e sua relação com a representação feminina inserida na obra A Casa, de Natércia Campos*. 2016. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Departamento de Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2016.

TIMBÓ, M. P. *O sertão de papel de Natércia Campos: memória das trindades*. 2011. 281 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Departamento de Literatura, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2011.